

Acervo pessoal



Reprodução / Redes Sociais



Acervo pessoal



Octávio (centro) com a turma na Universidade Federal do Ceará (UFC); ao lado da filha, Helenna e um registro da viagem ao Egito com a família

da família era instável, e quando Octávio tinha 16 anos, começaram a passar por uma intensa crise financeira, algo que mudou o padrão de vida da família.

Entre os trabalhos de “bico” que fazia, Octávio relembra da época em que trabalhava como monitor de uma professora de biologia celular — ela lhe dizia que ele era “burro” demais para fazer o serviço. Motivado em melhorar as habilidades, começou a se inscrever, repetidamente, para uma bolsa de iniciação científica na universidade.

Octávio conta que o orientador não aceitava de forma alguma. Achava que lhe faltava jeito para o trabalho. “Eu, realmente, queria muito, imaginava que, se eu aprendesse, poderia melhorar. Na terceira tentativa, ele me disse que tinha uma vaga”, contou. Todavia, o cargo seria longe do que ele esperava. Foi assim que, com 18 anos, começou a trabalhar em serviços de limpeza do laboratório. Com baixa remuneração, era responsável por limpar os equipamentos e passar pano de chão e nas bancadas.

Rotina

Após três meses sendo faxineiro no laboratório, Octávio passou a ser aprendiz, e a se desenvolver na área. Formado em 1998, seguiu rumo a Brasília para se aprofundar no conteúdo de biotecnologia e realizar o mestrado na Universidade de Brasília (UnB). Mesmo com a dificuldade financeira, não desistiu de construir uma carreira científica e ajudar outras pessoas com seu conhecimento. “Eu lutei muito no mestrado, mesmo quando a situação começou a ficar muito ruim. Todo mundo falava que eu não ia conseguir passar na prova”, contou o cientista.

Apesar dos contratempos, Octávio passou em primeiro lugar. Para se sustentar e manter os estudos, trabalhou como garçom, aplicador de provas e açougueiro. “Eu chegava a trabalhar 16 horas por dia, e não queria ficar pra trás nos estudos, então, estudava muito. Às vezes, as pessoas só dão desculpas. Não tenho disso, quando quero um negócio, faço tudo que é possível para dar certo”, disse. Com dois anos e meio, terminou o mestrado e doutorado na universidade e se tornou um dos doutores mais jovens do Brasil.

Ao concluir os estudos, recebeu uma oportunidade da Universidade Católica de Brasília (UCB) para ser contratado e realizou a primeira pesquisa pós-doutorado em 2001 na Embrapa, onde trabalhou como pesquisador por alguns meses. A partir dessa experiência, começou a saga internacional.

Octávio fez pós-doutorado e missões de trabalho em uma série de países, que incluem Escócia, Austrália, Canadá, Israel, Itália, Holanda e Portugal, em busca de tecnologias para ajudar e melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Resiliência

Em toda a sua jornada, ele diz que nunca teve que sacrificar nada, e não gosta de se referir à sua vida dessa forma. “Quando minha filha ia nascer, eu falei que estava pronto para qualquer sacrifício, e minha mãe falou algo que nunca esqueci: ‘a palavra sacrifício é horrível, porque você está dando uma coisa negativa em troca de algo positivo’. Então, a verdade é que eu nunca precisei fazer sacrifício nenhum. Cuidar da minha filha é como respirar. Não é sacrifício cuidar dela,

Reprodução / Redes Sociais



Katy Perry no programa de TV, mostrando o creme da One Skin

assim como não é me dedicar à ciência”, ressaltou. Com a palavra “resiliência” tatuada no braço, diz que essa é sua ideologia.

O dia mais feliz da vida de Octávio foi quando a filha, Helenna de Castro Franco, nasceu. Atualmente, com 17 anos, ela conhece 32 países por acompanhar o pai, e sonha em cursar arquitetura e urbanismo na UnB. “Eu nunca quis ficar longe dela”, disse Octávio.

Atualmente

Desde 2014, ele faz uma ponte aérea semanal entre Brasília e Campo Grande (MS) e atua como professor na Universidade Católica de Brasília (UCB) e na Universidade Católica Dom Bosco. Além disso, coordena o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Bioinspir para produtos bioinspirados; ocupa o cargo de pesquisador 1A e trabalha como consultor

do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Também é membro da Sociedade Brasileira de Bioquímica e Biologia Molecular (SB-Bq), da Sociedade Americana de Bioquímica e Biologia Molecular (ASBMB), da Sociedade Americana de Microbiologia (ASM) e da Associação Americana para o Avanço da Ciência (AAAS).

Publicou mais de 500 artigos e detém dezenas de patentes de produtos que ingressaram nos mercados de cosméticos e saúde animal. “O mascote do meu grupo é um polvo, porque os alunos falam que eu estou com os meus tentáculos em qualquer parte do mundo”, brincou.

Octávio diz que tem a meta de lançar um produto no mercado farmacêutico e sonha em auxiliar na cura de uma doença incurável. Possui diversos colaboradores internacionais e uma equipe pela qual é muito grato. Ele ressalta que, apesar de todas as dificuldades, não pretende parar.

“As coisas vão ficar difíceis. Teve dias que eu olhei e pensei ‘cara, eu não vou conseguir’. Mas, se você colocar uma missão e falar que pode fazer, sim, vai acontecer uma hora ou outra, só tem que ter resiliência com o tempo. Todo mundo falava que eu não ia conseguir, que não dava para fazer ciência de ponta no Brasil, e que eu estava perdendo meu tempo. As pessoas negativas sempre vão estar lá”, ressaltou Octávio.

A missão do cientista é usar o próprio conhecimento como ferramenta para ajudar o máximo de pessoas. A mensagem que deixa: a partir da resiliência, tudo é possível. “Quero que meus alunos olhem e pensem ‘eu sei que tá difícil, mas se até esse doido aqui conseguiu, eu também posso conseguir’.

Estagiária sob a supervisão de Ana Sá